



Director—António Dantas, filho  
 Secretário da Redacção—António Geraldo  
 Administrador—Luís Trêpa Ramos  
 Editor—António A. Carvalho Júnior

Quinzenário Académico  
 Propriedade da Empresa de O CALOIRO  
 Guimarães, 31 de Março de 1912

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
 Rua de Gil Vicente, 93—GUIMARÃES  
 Composto e impresso na Tip. Minerva Vimaranesse  
 RUA DE PAIO GALVÃO

## Pobre Imprensa!

Quando Gutemberg fez saltar do seu cérebro de peregrino inventor esta admirável, esta surpreendente, esta formidável força que é a Imprensa, pensou ele, naturalmente, no volver jubiloso do seu prazer pela grandíssima descoberta, que ela vinha abrir aos mundos a torrente caudal dos ensinamentos na voz potente da Liberdade!

\*\*\*

Quando Gutemberg realizou o sonho dourado de doces tentativas a substituir a mão do homem por uma alavanca de impulso mais que sobrehumano, pensou ele, certamente, que a grandíssima energia do seu inventar seria um Sol fecundo a iluminar a arena santa da Justiça!

\*\*\*

Quando Gutemberg conseguiu brindar a Humanidade com a mais prodigiosa das invenções que os tentames do homem hão arrancado aos segredos do Progresso, pensou ele, sem dúvida, haver erguido a ara sacrosanta, onde se libasse o puro sacrifício cujo fumo de benções fôsse sempre um sinal visível dos grandes clarões da Verdade!

\*\*\*

Verdade! Justiça! Liberdade!  
 Fadas míseras que o Destino das Gentes tam depressa ludibria!  
 Enganosos ideais que a tristíssima realidade tam flagrantemente desdenha!  
 Mentirosas deidades que a pobre atmosfera humana tam prontamente corrompe e rebaixa e aniquila!

\*\*\*

Que o digam os recentes acontecimentos do Porto e de Lisboa.  
 Que o atestem os assaltos ao *Jornal de Noticias* e ao *Diário do Porto*.

Que o apregoe a voz intemperata do velho republicano Dr. António Claro, o emigrado da Monarquia e talvez o emigrado agora da sua não sonhada República.

Que o proclame, altissonante, o fogo pôsto ao Dia, à folha de luva branca do Dr. Moreira de Almeida.

\*\*\*

Pobre Imprensa! Pobre Imprensa!

## PRIMAVERA

Alegra-se o coração  
 Ao doce da viração  
 Da ramagem que se agita  
 E os salgueirais com a flor  
 Em tudo mostram primor  
 Duma ciência infinita.

Os ribeiros mansos, crentes,  
 Sempre nas mesmas correntes  
 Lá vão cantando seus hinos.  
 Os amieiros pela margem  
 Doce aroma agora espargem  
 A incensar cantos divinos.

De jacintos tapetados,  
 Se engrinaldecem os prados  
 Nesta quadra sorridente.  
 E' mais um ano que vem,  
 Baladas que se reteem  
 Com a poesia plangente.

As aves loucas, silvestres,  
 Por entre as relvas campestras,  
 No fundo do seu amor,  
 Recitam versos tão finos  
 Com seus cantos cristalinos,  
 Que aliviam minha dor.

Palpitam nos seus gorgeios  
 Mil trabalhos, mil enleios  
 P'ra a criação duma prole;  
 No bico das andorinhas  
 Voam também as palhinhas  
 Com a relva da mais mole.

Então o homem, com ternura,  
 Que todo o seu bem procura,  
 Pára, queda-se a scismar...  
 Olha p'ra o Céu e p'ra a terra:  
 Por toda a parte vê guerra;  
 Não sabe como atinar...

Vê passar da morte à vida  
 A mesma que viu perdida  
 Com o peso das geadas!  
 E não lhe passa na mente  
 A prece ao Onnipotente,  
 Ao Ser das vidas criadas!

Coimbra.

R. E.

## Espera!...

Quem és e o que queres, tu  
 que vens assim perturbar a paz  
 doce e tranquila do meu doirado  
 sonho?

Tu, pária infeliz? Tu desafortunado maltrapilho? Tu, desgraçado vagabundo?  
 Já te conheço!

Tu és daqueles a quem eu pertenço.

Tu e essa plêiade de desventurados que por aí vagueiam, sem tecto e sem pão, minados pela doença ou cansados pelos anos, sois os amigos queridos a quem há muito anseio por visitar, nas horribéis mansardas onde lentamente vos ides definhando.

Levar-vos um pouco de consólo, minorar-vos por uns instantes a fome, cobrir os descarnados membros dos vossos filhos, eis o que eu ambiciono desde muito.

Mas, quem se lembra de vós, ó miseráveis trapos humanos?

Quem se lembra das vossas dores, dos vossos infortúnios, quem ouve os vossos clamores, quem vê as vossas lágrimas?

Eles, os que me adquiriram por um meio ilícito, que seria tam desculpável, quam louvável era a aplicação que diziam dar-me?

Não! Eles não ouvem, nem vêem nada!

Guindados a uma onnipotência imprevisita, eles brilham pela sua incapacidade administrativa; turva-os a vaidade balofa do mando; são fátuos que para aí vegetam, que não ouvem os brados da miséria.

Ah! desgraçado! Quantas vezes eu me revolto contra mim mesmo, por ter aqui vindo parar! Quantas vezes lhes tenho lançado em rosto a sua má acção, detendo-me no meu caminho bendito, e quantas vezes eu lhes tenho escaldado aquelas mãos que, ao tactearem-me, me fazem estremecer de horror!

Mas eles não ouvem ou fingem não ouvir as minhas recriminações.

Tratam-me como prisioneiro, escarnecem-me, chasqueiam-me e, como se isso fôra ainda pouco, chamam-me seu.

E tu, pária infeliz, esperas um clarão do meu sorriso e ficas-te a morrer, esperando na lage fria da calçada.

Espera, desventurado pária!... Sabes o que é esperar? Sentir uma ilusão e morrer com ela?

E' triste; mas é, quanto a mim, a tua sina.

Morrerás esperando, infeliz, e eu, o desgraçado prisioneiro, sem te poder consolar na tua infelicidade, serei retirado do fim caritativo que me destinaram e desmembrado para mui diversos fins.

Sim, desgraçado, espera...

morrer, sem me teres contemplado.

Ouve: Vou revelar-te um segredo, mas não me descubras. Guarda-o para ti e nem ás pedras o digas.

Eu já não estou completo. Já me desviaram parte do meu ser.

Aqui muito baixinho:

Lembras-te daquele escuro caso do dinheiro do jogo de Vizela, que estive tanto tempo sem aparecer?

Recordas-te como, depois de eu existir, ele rompeu impante a penumbra do mistério e alvorou com todas as galas dum filho pródigo?

E tu a esperar, pária infeliz!

E tu a definhares-te, desventurado maltrapilho!

Vai e... espera!

Consola-te ao menos com a esperança e... morre com ela!

Ah! desgraçado! Como eu ás vezes me revolto por me não deixarem seguir o meu caminho bendito!

Vai, vagabundo, e deixa em paz

O lucro do azeite da Câmara.

## No exílio!

Meus parentes, que tenho além, fugidos, longe da pátria, longe do seu lar!  
 Deus vos conforte, lírios denegridos,  
 nessa vossa paixão que não tem par!

Ao Deus do Céu resignação, piedade,  
 dêste canto da terra eu muito peço:  
 mitigai-lhe o amargo da saudade  
 E abreviai as horas do regresso!

Dois corações perdidos nas Espanhas  
 ambos nobres, honestos, generosos,  
 que à sua pátria deverão voltar!

Um abraço do fundo das entranhas,  
 de minha mãe, com os olhos lacrimosos,  
 que por vós dia e noite está a orar!

Guardizela, 20—3—1912.

Alvaro Dias de Almeida.

## A Dama das Camélias

Emocionante película cinematográfica de 700 metros, que será hoje exibida no *Salon Étoile*, extraída do romance do mesmo nome de Dumas, filho.

Tem passagens comoventes, co-são os últimos momentos de Margarida Gautier, ou A Dama das Camélias.

O público vimaranense tem uma excelente ocasião de poder apreciar uma admirável fita dramática e o trabalho da grande artista Sara Bernhardt.



IMUNDO BEIJO!

Dedicado á Ex.<sup>a</sup> Sr. D. J. F. C. S.

Um dia — foi em março, bem me lembro! —  
Soprava a aragem fria;  
E eu vi a pobrezita, rota, quasi nua,  
Chorando e soluçando, à esquina duma rua,  
Sofrendo a ventania  
Que fazia lembrar rijo dezembro.

Era ela, a infeliz, pobre lourinha,  
Que em tardes mais serenas  
Eu vira passear, gentil no lindo rosto,  
Embora roto o fato e muito mal composto,  
Soltas sempre as melenas  
Daquella sorridente cabecinha.

Mas... ei-la cabisbaixa, envergonhada,  
Sem me querer fitar...  
E parecendo até pensar em retrair-se,  
Para do meu olhar logo poder sumir-se  
Sem eu a contemplar,  
A ela, à minha Aurora tam prezada!

Levanta para mim teus olhos côr do céu,  
Não sejas tam sentida...  
Quem te fala sou eu... Fui sempre teu amigo...  
Oh! Quanta e quanta vez fui passear contigo  
A' volta da Avenida  
Em tardes que recordo em fundo pensar meu!...

Já não te lembrarás de quando, ambos nós, fomos,  
Dar volta pela aldeia?  
Eu era amigo teu, não era? Não respondes?  
Vamos! Tira êsse trapo em que o rosto me escondes!  
Vamos! Senão... és feia  
E não mais te darei doces e frescos pomos!

Ainda choras?! Porquê? Tens medo, minha Aurora?  
Não me conhecerás?!

.....  
(E ao largo uma menina, em sedas a primor,  
Chorava em convulsão, carpindo a justa dor  
— Leitor, tu me crerás! —  
Que a Mamã lhe causara, havia meia hora!...

A menina beijara aquella pobrezita...  
E a Mamã, humilhada,  
Dera forte castigo ao seu meigo Bêbé  
E até quasi chegara a tratos de polé...  
Castigando a culpada!...

Já percebo o teu pranto, ó loira puquenita!

A. B.

Contos e lendas

Gustavo, o clarim

Gustavo era um rapaz, filho da Normandia, intrépido como os velhos companheiros de Ralf, o pirata dos tempos da invasão, vivo como um azogue, e com umas propensões para amar, que nem o célebre taneiro dos contos eróticos de Bocácio.

Bem feito, bonito, elegante, robusto, era um destes mocetões que dão logo que fazer ao coração das donzelas, quando uma vez o seu olhar semi-velado do pudor se cruzou com o deles, ardente de paixão.

Georgina, pela sua parte, era uma guapa moçoila, bela tez morena, corada, grandes olhos pretos, muito sedosos, lábios nacarados, abrindo-se em sorrisos côr de aurora, que parecia estarem pedindo beijos.

Viram-se: amaram-se.

E' escusado perguntar o porque deste fenómeno psíquico, porque o envolve sempre o mistério.

Quando, acaso, amastes uma

rapariga, por formosa que fôsse, — não tinheis já, antes dessa, visto, sem todavia as amardes, dezenas delas mais bonitas, mais ternas talvez?... E, todavia, apenas os sentidos vos foram abalados, sem que o coração sofresse coisa alguma.

Parece que cada qual traz, nos olhos, o quer que seja de inerte, que só um outro fluido semelhante em presença, nos olhos dum ser de sexo diverso, põe em actividade. Cruzam-se dois olhares: como se deles brotassem reciprocamente duas faiscas, os dois corações tiveram um sobressalto; o sangue afluio ao rosto; os olhos baixaram-se. Foi o amor que ali passou e lançou os seus grilhões dourados a dois corações d'oravante cativos.

Amaram-se, pois, o Gustavo e a Georgina.

Longo tempo se namoraram, um idílio perpétuo, repetindo-se, numa grande monotonia, muito grata aos corações dos namorados, os seus protestos de amor.

Um dia, porém, circunstâncias que nunca se devem perder de vista em França, onde o serviço militar é obrigatório, mas que os olhos cegos de amor raro enxergam,

para que cruel lhes seja a desilusão—Gustavo foi chamado à fileira.

Calcule-se o que fôram as despedidas daqueles inconsoláveis prometidos...

Mas, afinal, necessário foi partir, e Gustavo lá foi, comprimindo no peito a saudade, voltando-se, de quando em vez, com os olhos rasos de água, para as últimas arvores da sua aldeia; enquanto Georgina, sufocada pelo pranto, foi recolhida em braços, num estado de desespero inacessível a quaisquer consolações.

Passaram anos.

—Mas, então—? como foi isso, perguntava Georgina, afagando a cabeça de Gustavo, que, com os olhos trasbordantes de alegria, não perdia um só dos movimentos da amada do seu coração;—? porque é que tu, sargento, ganhaste a alcinha de clarim, que, todavia, não parece desagradar-te?

—Eu te conto.

O moço ergueu-se, sacudiu a cabeça, metendo os dedos, à guisa de pente, por entre a cabeleira, espalmou as mãos sobre as coxas, batendo fortemente, e começou, feliz de poder apresentar-se herói aos olhos da sua amada.

Os circunstantes tomaram atitudes atentas. Fêz-se silêncio, mal interrompido aqui e ali por monossílabos interjectivos.

Gustavo contou assim:—

(Continua).

Amor — Saudade

Amor — continuos latejos  
Nas artérias a bater,  
Em gritos meigos, de beijos,  
Cá dentro do nosso ser...

O Amor é santa emoção  
Que dá beijos dentro em nós,  
Respira no coração  
E tem nos olhos a voz.

O Amor é um infinito  
Que nos gera outro — a Dor.  
Gera sempre, gera lágrimas,  
E faz-se sempre maior.

O Amor é Aspiração  
Que brota no sentimento;  
Floresce pela amplidão  
Feita em luz e pensamento.

Quando o Amor no peito nasce,  
A nossa vida exterior  
Recolhe-se... e dessa vida  
Cresce outra Vida melhor.

Saudade — Lágrima, Dor,  
Repassada de amplidão...  
Ansia de beijos e abraços  
Que dilata o coração...

Misticismo, terno, vago,  
Feito de sombra e luar...  
—O Futuro dá esperança  
—O Passado faz chorar.

Santa emoção dolorosa  
Envolvida em nuvem de água,  
Que nos fala cá no peito  
Com voz cósmica de máguá...

Pôrto.

A. M.

Santo Tirso, 27

Silêncio! Eu vou principiar.  
Oh Mesquita, fazes-me o favor de te calares? Peço a palavra! Atenção, pois, por um instante!

Seriam 14 horas — modernamente falando — quando deixei a *Princesa do Ave* e me dirigi para Penates. Tinha que percorrer alguns quilómetros a pé. Estamos no tempo das economias...

Muni-me do meu guarda-chuva, porque as nuvens lá no horizonte, em castelos colossais, faziam prever que íamos ter chuva.

Corria uma aragem fria e cortante.

Era porisso que o zelador todo se entoscava no seu capote, mal deixando entrever a sua bela barba branca — um louro de inglês — e os seus galões de oficial da armada.

Uma hora depois entrava na minha aldeia natal. Notei que não havia sofrido transformação alguma, desde a última vez que lá fui.

Lá vi o sr. Regedor, obeso como nunca! Uma barriga que causaria inveja a qualquer porco alemtejano!

Que carnes rosadas as do meu Regedor!

Disse-me um meu amigo, que êle Regedor andava em estado de gravidez, esperando-se dia a dia que daquela pança saísse... o anti-Cristo!

Conformei-me com a explicação e até a achei muito razoavel. Faço votos para que tenha um parto feliz...

Quando voltei, já a noite tinha estendido o seu manto, negro como a alma dum condenado.

Pelo caminho passavam vultos que já mal se distinguiam.

Alguns cães, duma magreza esquelética, vinham, de vez em quando, cheirar-me os calcanhares.

Ao entrar na vila, passou por mim uma rapariga magra e de côr cadavérica. Lembrei-me então ainda do corpo nédio e abacial do meu Regedor.

E um velho mendigo, de barbas brancas como a neve de janeiro, fêz-me lembrar se seria o Padre Eterno disfarçado, que andasse por êste mundo. Mas reflecti melhor e achei que seria um absurdo o êle se arriscar a ser preso... como conspirador!

O som dolente e triste dos sinos principiou a ouvir-se. Lá saiu a procissão dos Passos, bela e bem organizada. O orador fêz brotar lágrimas de comoção, mesmo naqueles que possuíam corações de bronze!

Oh Mesquita, podés continuar...

Adriano Fernandes.

O Cinematógrafo é o melhor e mais económico divertimento que se pode desejar.

Domingos e dias santificados sensacionais estreias.



Pela cidade

**Excursão Académica.**—Não se realizou esta semana, como tínhamos noticiado, a excursão dos académicos Vilarialenses, ficando transferida para depois de férias.

**Nova Filarmónica Vimaranense.**—Comemorando o 9.º aniversário da fundação da excelente *Música dos Guises*, foi mandada celebrar no dia 25 do corrente uma missa no templo de S. Francisco, tocando durante o religioso acto a mesma banda. De manhã houve alvorada, sendo lançados ao ar alguns foguetes, enquanto a música percorria as ruas da cidade.

Segundo nos consta, para o ano haverá festa rija.

**Circuito do Minho.**—Em virtude do péssimo estado das estradas, não se efectuou no passado Domingo a excursão desportiva —Circuito do Minho—, ficando transferida para o próximo mês de Abril.

**Projectos e orçamentos aprovados.**—A Comissão Distrital de Braga aprovou os projectos e orçamentos da Câmara desta cidade para as seguintes obras: no ginásio do Internato Municipal, para o adaptar ao funcionamento de uma escola; na antiga residência dos Jesuítas, para nele funcionarem as Escolas Centrais de ambos os sexos; e da reparação e melhoramento do caminho público, entre os logares da Corredoura e do Mosteiro, na freguesia de S. Torquato, e do que atravessa as freguesias de Urgez e Pinheiro.

**Troupe 6 de Janeiro.**—A excursão que nos devia visitar no dia 25 do corrente, foi transferida para o dia 8 de Abril (segunda-feira de Páscoa.)

**Semana Santa.**—Não se celebra este ano, no templo da Oliveira, a solenidade religiosa da Semana Santa.

**Associação dos Marceneiros.**—Foram aprovados superiormente os estatutos da Associação de Classe dos Marceneiros e Artes Correlativas.

**Espectáculo.**—O Grupo Musical Dramático, realiza no próximo dia 7 de Abril um espectáculo no Salão Artístico.

Sinapismos...

O Dr. entre nós

Chegou a esta cidade, vindo do Pevidém, este ilustre e apreciado médico, que tanto nos honrou com as suas sábias receitas.

Faz-se acompanhar de des... cobertas de lã e algodão e dos sinapismos 909.

De novo surge nas colunas deste quinzenário.

Pró... festa

Para um certo e determinado indivíduo, do logar da Coutada, freguesia de Paio Pires, concelho de Banaboia. Só li, mas cita a dor, em Cartago.

Conta este hominho no *Pôr do Sol*, cá da Parvónia, que sofrendo dumas indisposições estomacais, provenientes dum eclipse total da sua boa lua no equinócio da amizade com um indivíduo desta cidade, não pôde ter juízo... digo, não pôde ter mão em si e... zás, trás, pespegou-lhe com um... com, única do género.

Respondendo, recomendo-lhe um sinapismo marca *juízo*, aplicado na testa, que fará cessar o padecimento no... estômago.

Para recrear

N.º 3

A diferença entre dois números é 7 e entre os seus cubos é 1,267; —achar esses números.

N.º 4

Ia realizar-se, num hipódromo, uma corrida. Ao ser dado o sinal de partida, um dos cavalos, tomando o freio nos dentes, atravessa diametralmente a pista de forma circular e vai despenhar-se num fôso distante do hipódromo 4 quilómetros, isto é, o óctuplo do seu diâmetro, na mesma ocasião em que, na corrida, o cavalo vencedor pela segunda vez atingia a meta.

A que distância se acharia o cavalo desenfreado, se não se tivesse dado o incidente, quando o vencedor pela quinta vez alcançasse a meta, e que número de metros percorreriam um e outro no mesmo espaço de tempo?

PELO PAÍS

**Viagem de generais.**—Em julho próximo realiza-se uma viagem de generais de Estado Maior, tomando parte nestes exercícios de quadros, oficiais representantes de todas as armas e serviços do exército. Estes exercícios tem por fim desenvolver e aperfeiçoar a instrução técnica dos oficiais do exército, pois que durante a sua execução terão de resolver diferentes problemas, desenvolvendo o plano estratégico a que presidirá o sr. Ministro da Guerra, dando-lhes a forma mais prática possível.

**Descanço semanal em Basto.**—A Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto deliberou que o descanso semanal naquele concelho seja desde o meio-dia de domingo até segunda-feira à mesma hora, no tempo de verão; e desde domingo, à uma hora da tarde, até igual hora de segunda-feira, durante o inverno.

**Exoneração.**—Foi exonerado do logar de administrador do concelho dos Arcos de Valdevez, o sr. dr. José Guimarães.

Grupo de Propaganda

“Por Guimarães”

Assembleia Geral

De ordem do Ex.º Presidente da mesa da Assembleia Geral do Grupo de Propaganda «Por Guimarães», Antonio Luis da Silva Dantas, convido os dignos associados para uma reunião de Assembleia Geral ordinária que deve realizar-se no dia 24 do corrente, na sua sede provisória, Rua de Paio Galvão, n.º 28, pelas 10 horas da manhã, sendo a ordem do dia o cumprimento do disposto nos n.ºs 1.º e 2.º do art.º 11.º dos Estatutos, apresentação de contas e eleição dos Corpos Gerentes.

Não comparecendo numero legal de dignos sócios, fica esta convocação feita para o dia 31, às mesmas horas, funcionando então a Assembleia com qualquer numero.

Guimarães, 13 de Março de 1912.

O Secretário,

Alberto César.

FOLHETIM

PREGÃO

NA

Festa dos Estudantes de Guimarães

(CHAMADA DE S. NICOLAU)

Recitado por Sarmiento Júnior

Ano de 1827 (\*)

Que dias! Sócios meus! Vimaranenses!  
O' pátria! O' Lusos! Que brilhantes dias!  
O sol de Lísia, em novo signo entrando,  
Novos astros refne, e a luz redoura.  
Como scintilam! e que longas séries  
Nos não deixam prever, de bens, de glória!  
Que novo lustre! Que porvir! ; Que alento  
Ao comércio fiel, à industria, às artes,  
Que força vai dar, seu claro influxo!  
;Que certa esp'rança de Minerva aos filhos,  
Que, por árduos caminhos procurando  
O bem da pátria, o seu bem, seu prémio,  
Já não receiam escureça o mérito!  
Juventude briosa, eis nosso estímulo!  
Nossos foros e justas liberdades,  
Jamais nos roubará mão arbitraria.  
De Jove a dúplice, cereberina prole,  
Minerva, Astreia, que nem sempre juntas

(\*) Dos anos de 1823 a 1826 não obtivemos os pre-gões respectivos.

Se teem mostrado no moral concurso.  
Desde hoje se verão p'ra sempre unidas.  
;E não são estes de Saturno os dias?  
;Não volve a Portugal a idade de ouro?  
Oh! proficua estação a todos grata!  
Duradoura estação; mas p'ra nós outro  
;Que dia vai raiar entre estes dias!  
Lá quando no horizonte as róseas portas  
De novo a Aurora abrir, mostrar ao mundo  
O dia fausto do pastor de Nísia,  
No dia de amanhã a nossa alegria,  
Um doce entusiasmo e nobre brío,  
Mostrará que sabemos, por prudentes,  
Unir com sábias leis antigos usos.

\*\*\*

Tu bem sabes já, gordo rendeiro...  
Não queiras ser este ano marçalheiro.  
Respeita a propriedade, que é sagrada,  
E não des do pior, que é velhacada.  
As maçãs, de ouro não, mas tam perfeitas,  
Tam dignas de ser dadas, ser aceites!  
Que entre as belas toucadas não irrites,  
Mas a fagueiros sorrisos as excitem,  
As castanhas, que sejam bem assadas,  
Bem sêcas, limpas e lauritostadas.  
Pois sómente por termo-las perdidas  
E' que Titiro usava das cozidas.  
As nozes chamar-te hão pragas mordazes,  
Se pedras as acharem os rapazes.  
Os tremoços, se alguns melados fôrem,  
Serão para te emplastarem e comporem.  
Reduzida a palhinha a bom dinheiro,  
Fica ainda p'ra ti no teu celeiro.

Porque gazela que o estudante monta  
Não come nesse dia; é como tonta.  
Eis teu regime, pois p'ra ti, ó povo,  
Vou formar também um que não é novo.  
Não é das artes inimiga a sciência;  
Mas dar-lhe igual valor, isso é demência.  
O sábio, o jovem, que do sábio aprende,  
Se as não pratica, suas leis entende.  
Bem pode ser exímio o mestre de arte;  
Mas fica-lhe inferior já nesta parte.  
Tem nossa estima, sim, mas não razão,  
Se ingerir-se quizer nesta função;  
Ela é só nossa e por direito antigo  
Nos cumpre então tratá-lo de inimigo.  
Não há hostilidades sanguinárias;  
Mas temos p'ra o curar receitas várias.  
Sopapos, canelões, poleadelas,  
E um banho ainda mais fresco que em Caldelas.  
Não é de presumir queiram prová-las;  
Porque se a isso chegar, hão de mamá-las;  
Pois não queremos que a posteridade  
Forme iguais pretensões na impunidade.  
O mais, tudo há de ser bom e pomposo!  
Que dia para nós tam venturoso!  
Depois que à rua sair o estudante,  
Não haja de repouso um só instante.  
Ao som de sua voz, se são loquazes,  
Ou ao som da algazarra dos rapazes,  
As mães, as filhas, as amas, as criadas,  
Para as janelas corram apressadas,  
Tê as mesmas cozinheiras de alcateia  
Deixem aos gatos a partida ceia.  
Seja enfim geral tanta alegria,  
Porque assim o pede o tempo, assim o dia.

FIM



TIP. MINERVA  VIMARANENSE

Officina de Encadernação, Papelaria e Livraria

—DE—

António Luís da Silva Dantas

Rua de Paio Galvão—GUIMARÃES

Na officina tipográfica, montada com cêrca de 240 colecções de tipos, maquinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, tais como: obras de livro e jornais de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e óbito; circulares, memoranduns, facturas, envelopes e todos os demais impressos para comércio; mapas, mandados de pagamento, talões e vários outros impressos para repartições públicas civis, eclesiásticas e militares; rótulos para farmácia; etiquetas para fábricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programas e bilhetes para espectáculos, etc., etc.

Impressões a côres, ouro, prata e cromotipografia.

ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS.

Na officina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material vindo expressamente do estrangeiro e pessoal competentemente habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papéis almaços, finos e de impressão, nacionais e estrangeiros, objectos de escritório, caixas de papel de fantasia em diversos formatos, livros em branco, para comércio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos químicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondência directa com os mais hábeis gravadores e fabricantes.

PREÇOS RAZOÁVEIS. \* \* \* Trabalhos perfeitos e rápidos.

Fotografia Carvalho

98 Rua de Paio Galvão, 98

(Junto ao edificio dos Bombeiros Voluntários)

Guimarães

Luxuoso ATELIER montado segundo os últimos quesitos da arte e dotado de excelentes aparelhos, o que lhe permite executar:

Esmaltes fotográficos para medalhas, perfeitos e eternos.

Retratos em porcelana.

Retratos reclame desde 600 a dúzia.

Ampliações inalteráveis desde 2\$000 rs.

Novidades, efeitos de luz, transformações de vestidos e penteados, etc., etc.

Opera-se com todo tempo.

Colégio Académico

Rua de S. Domingos, 19

GUIMARÃES

Admite alunos internos, semi-internos e externos, para instrução primaria, secundaria e curso comercial.

Alimentação abundante e bem cuidada

Pedir programas à direcção

O GALOIRO

Quinzenário Académico

PREÇO DA ASSINATURA  
(Pagamento adiantado)

Semestre . . . . . 240 rs.  
Trimestre . . . . . 120 "  
Numero avulso . . . . . 30 "  
Pelo correio aumenta 60 reis para o porte e cobrança.

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Anúncios e comunicados, por linha 40 rs.  
Repetição, por linha . . . . . 20 "  
Permanentes, contrato convencional.  
Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes, 25 % de abatimento.

O GALOIRO

Quinzenário Académico

Ex.<sup>mo</sup> Sr.